

## O Falar Torpe no Contexto da RCI

Greyce Dal Picol (PIBIC-CNPq), Vitalina Maria Frosi (coordenadora), Giselle Olívia Mantovani Dal Corno, Carmen Maria Faggion (orientadora) - [greycedalpicol@gmail.com](mailto:greycedalpicol@gmail.com)

O projeto “O falar torpe na linguagem oral da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul” (TURPILÓQUIO), coordenado por Vitalina Maria Frosi, tem como objetivo estudar a linguagem torpe como expressão étnica e elemento cultural ítalo-brasileiro. A presente pesquisa tem como objetivo analisar o tabu lingüístico e as manifestações torpes nas entrevistas realizadas com descendentes de italianos que moram na região da 4ª Léguas (zona rural de Caxias do Sul), visto que há, nas amostras, significativa presença de blasfêmias. Sabendo que ações ou palavras proibidas refletem costumes e visões de uma determinada sociedade, a ofensa às coisas santas, numa comunidade de religiosidade marcante como a ítalo-brasileira, configura a ambivalência característica do tabu. A metodologia previu pesquisa de campo, através de um roteiro semiestruturado, havendo em seguida tabulação e análise dos dados coletados. O corpus contou com vinte informantes, dez homens e dez mulheres de três faixas etárias distintas (dezoito a trinta anos; trinta a cinquenta; e cinquenta anos ou mais), a fim de retratar como essa fala característica se apresenta em cada fase. Verificou-se que há presença do tabu lingüístico, pois muitas expressões em linguagem torpe aparecem na forma de eufemismos ou outras figuras retóricas, que funcionam como atenuantes da ofensa. Notou-se ainda grande receio de falar sobre o assunto, principalmente no caso das blasfêmias, e até o fato de alguns informantes considerarem essa linguagem proibida. No entanto, todos afirmaram que fazem uso dessa forma de falar, não só para desafogo, mas também para exprimir tristeza, inconformidade, surpresa, e mesmo alegria. Esses turpilóquios aparecem na forma dialetal italiana, pois os sujeitos afirmaram que fazem uso dessa forma de falar e preferem dizer os palavrões em dialeto porque se tornam mais expressivos, independente de sua origem étnica. Certas expressões como “porco dio” são identificadas por todos informantes, e outras como “porca miséria”, são utilizadas sem que se conheça seu significado ou origem. Isso evidencia que essas expressões, normalmente caracterizadas como tabu, que sempre foram muito marcantes na cultura da região, acabaram perdendo impacto na fala dialetal italiana da RCI, hoje: às vezes a blasfêmia não é vista como ofensa, mas como um marcador de fala.

Palavras-chave: turpilóquio, sociolingüística e dialetologia, linguagem e cultura.

Apoio: UCS, CNPq.